*Edição nº 466 (setembro e outubro de 2026) da Revista da Previdência Complementar – publicação da Abrapp, ICSS, Sindapp, UniAbrapp e Conecta.

Por Débora Diniz

Muito além do benefício futuro – A Previdência Complementar sempre foi construída sobre uma ideia de futuro. Contribuir hoje para formar uma reserva capaz de garantir renda e segurança financeira muitos anos depois continua sendo a razão de existir das Entidades Fechadas de Previdência Complementar (EFPCs). O que começa a mudar é a compreensão sobre tudo o que pode acontecer entre a adesão ao plano e o recebimento do benefício. Em um período que pode atravessar três ou quatro décadas, o participante muda de emprego, constitui família, enfrenta imprevistos, altera prioridades, reorganiza seu patrimônio e toma sucessivas decisões financeiras. É nesse intervalo, e não apenas na aposentadoria, que uma discussão sobre valor agregado começa a ganhar espaço no sistema.

As experiências em curso mostram que não existe um modelo único. Há entidades utilizando cashback para transformar parte do consumo cotidiano em reserva previdenciária, outras estruturando seguros, crédito, orientação financeira ou clubes de benefícios, enquanto algumas avançam para modelos mais amplos de proteção. Em comum, está a tentativa de tornar a relação previdenciária presente durante a fase de acumulação, aproximando o plano de necessidades concretas do participante sem deslocar sua finalidade de longo prazo.

A discussão ganha relevância adicional diante das mudanças no mercado de trabalho. O modelo clássico da previdência fechada foi construído, em grande medida, em torno de relações estáveis de emprego, com patrocinadores responsáveis por levar o plano ao trabalhador e, muitas vezes, compartilhar com ele o esforço de contribuição. Esse desenho continua importante, mas já não dá conta de uma parcela crescente da população formada por autônomos, microempreendedores e trabalhadores que transitam entre diferentes vínculos profissionais.

Para Devanir Silva, Diretor-Presidente da Abrapp, o sistema precisa olhar com atenção para essa transformação. Ao falar sobre os trabalhadores de aplicativos e outros profissionais que não contam com a estrutura de proteção associada ao emprego formal, ele chama atenção para os riscos que se apresentam muito antes da aposentadoria. Um motociclista que sofre um acidente, por exemplo, pode perder temporariamente sua renda e ainda precisar arcar com o conserto ou substituição do veículo utilizado para trabalhar. A formação de uma reserva previdenciária continua necessária, mas não responde sozinha a todas essas vulnerabilidades.

“Para mim está claro que não basta só oferecer um plano previdenciário. Você tem que agregar outras coisas para fidelizar esses participantes”, afirma Silva. Na avaliação do dirigente, a aproximação com o mercado de seguros, a criação de produtos mais flexíveis e a oferta de novas formas de proteção fazem parte da adaptação a um mercado que terá, como ele resume, “muito trabalho, mas menos emprego”.

(Continua...)

Clique aqui **para ler a matéria completa na íntegra.**

Fonte: Abrapp em Foco, em 11.11.2026.